

Revelação para entender Fernando Henrique

Quem acha que o Presidente fala demais – e que isso é seu maior defeito e tem a ver com sua vaidade –, deve correr à página 342 do livro “O Presidente Segundo o Sociólogo”, resultado de 20 horas de entrevistas gravadas com o jornalista Roberto Pompeu de Toledo.

Está lá a revelação de que não é gratuitamente que o Presidente está sempre falando e que talvez esteja nessa tagarelice uma das chaves de seu sucesso.

O trecho é tão curto – são apenas seis linhas – quase ao pé da página, que se o leitor não for atento, perde o ouro.

Fernando Henrique está falando do pai, o general Leônidas Cardoso (cuja imagem que ficou – ele morreu em 1965 – é de exaltado nacionalista da campanha “O Petróleo é Nosso” e de deputado pelo PTB, em 1954), que foi colega dos generais Dutra e Góis Monteiro e viveu o tempo dos Tenentes, o que im-

plicava na participação em revoltas, como a de 1922, quando foi preso na Fortaleza de Lajes, na Baía de Guanabara.

Então, vem a fala que interessa:

“O que meu pai dizia era que nunca se devia deixar de falar com o carcereiro. Nas diversas vezes que foi preso, ele nunca deixou. Graças a isso, conseguia passar mensagens para outros presos, ou para fora. Mesmo preso você tem que falar, não deixar o adversário longe. Tem que falar o tempo todo. E com o guarda, não com o capitão”.

O entrevistador ficou tão impressionado que queria usar o trecho para dar título ao livro, que se chamaria “Meu Pai e o Carcereiro”, e acabou sendo apenas o título do capítulo final.

Moral da história: é falando que o Presidente, que às vezes se queixa da solidão do poder, enfrenta os piores momentos.